



A. Estado, Poderes e Sociedade

B. Estruturas Produtivas, Trabalho e Profissões

C. Educação e Desenvolvimento

D. Território, Ambiente e Dinâmicas Regionais e Locais

E. Cultura, Comunicação e Transformação dos Saberes

F. Família, Género e Afectos

G. Teorias, Modelos e Metodologias

Sessões Plenárias

Espaço, cultura e recuperação do património urbano. Estudo de caso: O Bairro da Madragoa

Marluci Menezes ^[1]

Resumo

O centro da nossa comunicação relaciona-se com a importância da optimização dos resultados dos estudos de cariz antropológico em projectos de reabilitação urbana. Assim, partimos do pressuposto que o conhecimento das características culturais de organização, qualificação e representação do espaço é fundamental para a recuperação/revitalização do Património Urbano. Neste sentido, utilizaremos como referência empírica da nossa reflexão alguns exemplos subjacentes ao estudo desenvolvido na Madragoa — bairro do Centro Histórico de Lisboa.

Introdução

A observação do processo de reabilitação urbana em termos da sua componente sociocultural reflecte, por assim dizer, um dilema entre a optimização daquilo que é preconizado conceptualmente e a prática. Isto porque, conceptualmente, a reabilitação urbana evoca uma prática com dois aspectos. Por um lado visa à melhoria das condições de habitabilidade, criação e requalificação de equipamentos comunitários e de infra-estruturas, instalações e espaços livres de uso público. Por outro, infere a importância na potenciação/revitalização dos valores culturais, socioeconómicos, ambientais e funcionais. Mas ao lidar com uma lógica de acção, ou seja uma perspectiva prática, confronta-se com distintas dimensões de acção e com distintos actores sociais, de maneira que o processo torna-se muito mais complexo do que *a priori* parece. ^[2]

Portanto, entre as distintas dimensões de acção inerentes à reabilitação destacam-se as seguintes:

(1) reverter o processo de degradação sociofísica dos núcleos históricos, promovendo a sua revitalização, recuperação ou requalificação; **(2)** reverter o processo de desagregação e perda dos valores socioculturais ao nível das identidades, manutenção e preservação do património histórico, promovendo a sua revitalização. E, naquilo que se refere aos distintos actores sociais, interessa-nos aqui destacar: **(1)** as características da atribuição de valores culturais e respectiva legitimação por parte dos técnicos envolvidos com o pensar e agir na cidade existente; **(2)** a valoração que os utentes deste mesmo espaço atribuem aos bens e manifestações culturais.

Ao ser reconhecido pelo processo de reabilitação urbana a importância da revitalização sociocultural, é fundamental aqui enfatizar que este somente se torna possível através do conhecimento do património etnológico inerente às populações residentes em núcleos históricos. Isto é, perspectivar a continuidade, bem como a manutenção sociocultural e física dos núcleos históricos através de uma proposta de revitalização, implica um conhecimento mais profundo das culturas locais, ou seja, é necessário estabelecer uma relação íntima entre as características do património etnológico e do património urbano em conjunto com a proposta de revitalização sociocultural.

Daí que o argumento escolhido para enfatizar a importância da realização de estudos de cariz antropológico em contextos históricos, bem como da optimização dos seus resultados em projectos de reabilitação urbana, prende-se com os seguintes pressupostos teóricos:

- associado à prática da reabilitação urbana tem-se a própria lógica de gestão do património, na medida que é através desta gestão que as sociedades perspectivam a sua continuidade no tempo e no espaço (identificada com a transmissão dos signos e identidades culturais);

- a lógica de gestão do património envolve distintos actores sociais, paralelamente ao facto de legitimar valores socioculturais que nem sempre são comuns a todos os actores.

Salienta-se, ainda, que o argumento antropológico aqui utilizado refere-se a compreensão das representações colectivas do espaço existentes num contexto sujeito à reabilitação urbana. Isto é, julgamos que as acções sociossimbólicas e os limites de definição do espaço correspondem a uma identidade local e, reflectem-se numa lógica formal de organização, arranjo e memória do

espaço (Lévy, et al.:1983).^[3] Ao considerarmos o espaço como o mundo habitado e por sua vez representado, o grau de intensidade de uma intervenção, neste caso a reabilitação urbana, irá influenciar uma dada organização socioespacial. Se é preocupação primordial da reabilitação urbana a preservação, manutenção e qualificação social, cultural e física das áreas sob intervenção, resulta como fundamental compreender a lógica de formalização e representação colectiva do espaço.

Então, procuramos otimizar a discussão do dilema conceito/prática, tendo como pontos de partida:

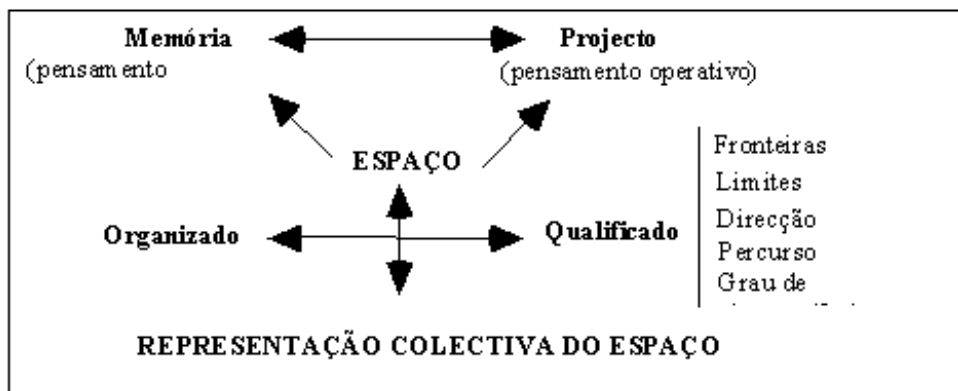
- O que se constitui como valor cultural em termos do espaço residencial para as populações do Centro Histórico? Quais são os mecanismos que dão legitimidade a estes valores? Quais são as formas e os modos pelos quais esses valores se manifestam?
- Quais são os valores socioculturais que o processo de reabilitação pretende potenciar e revitalizar com vistas à preservação do património urbano?
- Como pode a investigação antropológica contribuir para a revitalização sociocultural dos grupos através da perspectiva da reabilitação urbana?

Neste sentido, o estudo que desenvolvemos no Bairro da Madragoa, situado na Freguesia de Santos-O-Velho em Lisboa, é aqui apresentado através de uma perspectiva de abordagem antropológica do espaço, de modo a dar consistência a uma operacionalização classificatória dos resultados.

Operacionalização teórico-analítica

Consideramos que um espaço-local é uma condição imbuída de valor social. Condição esta que é reconhecida pelos grupos sociais, aí residentes, como património através das práticas quotidianas de uso, apropriação e representação do espaço, considerando-se ainda que estas práticas são conservadas (ou não) através da memória social, dos rituais comemorativos e das festividades. Acreditamos assim que o estudo das representações colectivas do espaço — relacionado com a análise e interpretação das práticas sociais e dos discursos produzidos (e reproduzidos) para/no/com o espaço —, permite delinear algumas pistas para o entendimento de uma cultura do espaço, bem como para a compreensão dos mecanismos colocados em acção na formalização de um espaço-território. Neste sentido, a operacionalização teórico-analítica do nosso estudo teve em consideração que as representações colectivas são um duplo do próprio espaço, sendo esta inter-relação visível através da organização e respectiva qualificação do espaço (inerente aos dispositivos simbólicos de arranjo do espaço: fronteiras, limites, direcção, percurso, grau de abertura/fecho). De modo que é através das narrativas (discursos) produzidos acerca das práticas socioespaciais que é viabilizada a análise das representações colectivas (vide fig. 1).

Fig. 1 — Operacionalização teórico-analítica do estudo



Salienta-se ainda, que inerente à qualificação do espaço e respectiva representação, é de considerar que o espaço vivido infere a existência de uma memória colectiva (confirmadora da existência de um grupo e, portanto, de uma identidade) e uma perspectiva de projecção cultural (relacionada com a ideia de projecto, na medida que prospectiva as aspirações para com o espaço-habitat).

Operacionalização das variáveis analíticas

Procuramos, então, tornar operacionais os resultados do trabalho em duas frentes de caracterização: **(1)** aspectos de caracterização do lugar Madragoa; **(2)** aspectos de caracterização das representações colectivas.

(1) Aspectos de caracterização do lugar Madragoa

Linhas de enquadramento	—	situação e posição do bairro na cidade de Lisboa;
	—	origem e desenvolvimento da malha urbana;
	—	origem e desenvolvimento do tecido social;
	—	caracterização sociodemográfica.

A especificidade do local (análise do grau de abertura/fecho do bairro: apesar da proximidade de importantes eixos viários da cidade o grau de abertura do bairro encontra-se condicionado pela topografia, em declive, e pelas barreiras edificadas, portanto, é uma área fechada ao exterior — aqui considerado como o restante da cidade)	—	limites de qualificação: respectivo ao estabelecimento de fronteiras e como indicador da delimitação entre exterior e interior (p. ex.: casas em banda; pátios/vilas, muros e ruas);
	—	densidade entre os elementos-limites: sendo indicador: (1) de noção de zona externa, interna e intermédia; (2) das condutas sociais de uso/apropriação — que são formalizadas através da constituição de territórios primários (limitados a um grupo específico, p. ex.: a casa), secundários (colectivamente apropriados, p. ex.: pátio ou rua) e terciários (zonas públicas, p. ex.: jardim, rua); estando estes territórios também associados às noções de público, privado, semi-público e semiprivado. ^[4]

(2) Aspectos de caracterização das representações colectivas

Limites/fronteiras	—	os dispositivos simbólicos que são colocados em acção no arranjo e qualificação do bairro, respectivamente à representatividade das práticas sociais, espaços e objectos;
Memória social e rituais comemorativos	—	momentos e espaços representativos para a expressão comunitária e consolidação da identidade colectiva
	—	consolidação de rituais e comemorações de reconciliação e afirmação identitária.
Dimensões territoriais e inter-relações estabelecidas — casa x rua x bairro	—	uso/apropriação;
	—	significado;
	—	percepção/imagem;
	—	projectos de vida (sonhos/aspirações);
	—	percepção dos processos de mudança e de transformação.

Formalização de resultados

Interessa-nos agora explorar as categorias de classificação e representação do espaço conforme anunciadas nos distintos pontos de caracterização das representações colectivas do espaço (segundo ponto do enunciado anterior). Neste sentido, acreditamos ser possível estabelecer uma aproximação formal com os critérios e alguns dos elementos e factores que estão presentes ao nível das representações.

Os dispositivos simbólicos de arranjo e qualificação do bairro

Ao nível da apreciação das noções dos limites e fronteiras por parte dos moradores, somos

confrontados com uma dimensão simbólica que se expressa através de uma variedade de factores (tempo de residência no bairro, percurso residencial, características socioculturais, círculo de conhecimentos/socialização, entre outros) cuja conjugação permite identificar um reconhecimento comum na delimitação do espaço-habitat, confirmando a existência de uma identidade territorial (escala de pontuação: bairro/freguesia) ou não, como é o caso dos novos moradores ou de moradores antigos que não possuem um sentimento de pertença territorial (como por exemplo aqueles que se posicionam distintivamente dos outros moradores). Portanto, em relação à inexistência de uma identidade territorial cuja escala de pontuação seja o bairro/freguesia, verifica-se a tendência para ampliação dos limites eventualmente associada com uma identidade territorial cuja escala de pontuação é a freguesia/cidade de Lisboa.

Entretanto, os principais dispositivos de arranjo/delimitação utilizados pelos moradores são aqui expressos pelas seguintes referências:

- referências de distinção imediata do bairro — (a) as ruas estreitas; (b) as casas simples, respectivamente ao carácter residencial; (c) peculiaridade das pessoas residentes, respectivamente à origem comum; (d) a tradição do bairro; (e) a especificidade do passado do bairro; (f) as peculiaridades de uso/apropriação do bairro;
- referências de pertença social — distinção entre os que residem no núcleo da Madragoa e envolvente (sobretudo aqueles que residem na proximidade da Lapa); (*Observação*: aqui emerge uma lógica de inclusão/exclusão socioespacial;)
- utilização de recursos de comparação/distinção — (a) urbanística/funcional entre o bairro e a envolvente (ou seja, aquilo que para os moradores não é considerado como sendo Madragoa); (b) entre modos de vida; (c) distinção da área da Freguesia ao qual o bairro pertence em: centro (relativo ao núcleo da Madragoa), periferia (relativo à zona que envolve o núcleo da Madragoa) e zonas intermédias (relativo às zonas situadas entre centro/periferia, p. ex.: Rua de Santos-O-Velho, Travessa Nova de Santos e a Rua do Cura);
- factores de especificidade territorial (referente às subdivisões internas do território) — (a) uso e apropriação do espaço por diferentes grupos em diferentes partes do dia; (b) arquitectónicos, urbanísticos, de imagem, estéticos e de escala; (c) de estratificação, pertença social; (d) heterogeneidade dos territórios em função do uso/apropriação, imagem e segurança que é proporcionada.

Memória social e rituais comemorativos

Verificou-se que existem elementos de referência socioespacial que são retidos na memória social, consolidando o sentimento de pertença social e fornecendo meios para consolidação/reprodução de uma identidade peculiar. Neste sentido, entre os principais elementos de referência do passado destacam-se:

- os espaços representativos — relacionados com os locais que se destacaram no bairro em termos de convívio comunitário e dos actos/rituais comemorativos;
- leitura/percepção da história local — relacionadas com a percepção da história do bairro (p. ex.: existência de muitos conventos, o terramoto, etc.) e com a representatividade que os *casos históricos* têm, permitindo assim o enriquecimento das narrativas orais;
- origem e característica da população — relacionados com o facto de grande parte da população do bairro ser oriunda da região de Aveiro (destaque para Murtosa e Ovar), sendo estas características elementos de referência na formação da identidade (como é o caso das varinas, pescadores e fragateiros);
- convívio social/tradições — relacionados com a lembrança de vivências comunitárias mais intensas, permitindo assim a transmissão e a afirmação das tradições locais (neste sentido, os moradores ressentem que na actualidade estas qualidades se estejam perdendo);
- indivíduos que deram destaque à Madragoa — relativo ao facto de que no bairro viveram, nasceram ou trabalharam indivíduos com alguma representatividade para Lisboa (p. ex.: Gago Coutinho e Mouzinho de Oliveira);
- festas/comemorações — relacionadas com as principais comemorações que são vivenciadas pelo bairro, destacando-se as festas dos Santos Populares e os arraiais, a participação nas marchas populares de Lisboa (e referem-se também a importância que já teve o Carnaval);
- imagem/lembrança dos personagens mais representativos — relacionadas com as varinas e os pescadores, sendo estes utilizados como uma referência importante para a afirmação da identidade e reconciliação comunitária (destaque para a constante (re)apresentação destes nas expressões festivas e rituais de comemoração do bairro).

Uso/apropriação

Destacam-se como elementos de referência para a compreensão das práticas de uso/apropriação

dos espaços do bairro e da casa:

- Bairro — (a) os espaços exteriores — públicos e semipúblicos (destaque para as ruas/esquinas centrais do bairro e os cafés) —, e as interfaces entre público/privado (janelas, portas do edifício e escadarias), são referências para o desenvolvimento das sociabilidades e dos actos comemorativos; (b) evidenciação de um cenário comportamental que se expressa através de uma distinção na apropriação do bairro em termos da presença masculina/feminina/grupos etários, estando esta distinção associada aos diferentes espaços/diferentes horas do dia;
- Casa — o uso/apropriação da casa está intimamente relacionado com (a) as características funcionais das divisões internas; (b) o papel representado por cada um dos membros da família; (c) a dimensão e o conforto que o espaços proporcionam; (d) categorias sociais de género feminino e masculino.

Significado dos espaços

Na medida que um espaço-lugar está intimamente relacionado com as representações, as práticas sociais e o discursos produzidos e reproduzidos sobre o espaço, a compreensão do significado do bairro para os seus utentes emerge como uma premissa essencial para se esboçar uma reflexão mais ampla sobre as representações. Nesta perspectiva, os elementos e factores dimensionais que dão expressão ao significado do bairro para os seus moradores são, sobretudo:

- Bairro — (a) a antiguidade residencial; (b) as tradições locais (festas, comemorações e o bairrismo); (c) a memória dos tempos passados; (d) a participação nas marchas de Lisboa; (e) as condições socioabitacionais; (f) apreciação do processo de mudança socioespacial; (g) o posicionamento do bairro em relação à cidade de Lisboa;
- Casa — (a) o gosto pela casa remete-nos para dimensões relativas às: condições habitacionais, localização, apego/raízes, percursos/projectos de vida (mobilidade sociorresidencial), havendo por conseguinte factores de apreciação positiva e negativa do fogo; (b) a adjectivação da casa remete-nos para uma classificação como espaçosa/sem espaço, bonita/feia, confortável/inconfortável; (c) uma apreciação valorativa da casa em termos afectivos (identificando uma vinculação) e em termos cognitivos (identificando a potencialidade estrutural/funcional); (d) factores de preferência de uso relativos à dimensão, funcionalidade, conforto, interface com o exterior, existência de elementos novos;

Imagem/percepção do ambiente

Ao considerarmos que o bairro da Madragoa emite uma postura localizável no tempo e no espaço, fomos confrontados com a necessidade de compreender quais são as variáveis do contexto local — aqui entendidas pela qualidade que as formas assumem no espaço —, que no decorrer da vivência quotidiana são processadas como referência socioespacial. Neste sentido, destacam-se as seguintes referências:

- Bairro — (a) referências descritivas: a qualidade das ruas estreitas e entrecruzadas, a qualidade residencial, a antiguidade e tipicidade, o convívio comunitário; (b) apreciação funcional e qualitativa/estética das diferentes zonas do bairro, identificando sobretudo uma classificação das zonas em termos dos aspectos de atracção e de degradação; (c) referências socioespaciais: antiguidade, sociabilidade, representatividade dos espaços, existência de equipamentos; (d) referência aos edifícios prestigiantes para o bairro, sendo as dimensões de classificação utilizadas relativas à: qualidade funcional, imponência/dimensão do edifício, localização e em certos casos a representatividade para o desenvolvimento das sociabilidades; (e) a qualidade de segurança e conforto ambiental que é proporcionada nos espaços exteriores;
- Casa — (a) referências descritivas: de ordem emotiva/estética (agradabilidade ambiental e visual, a capacidade de acolhimento/conforto), de ordem dimensional (espaciosidade e organização interna), posição da casa em relação ao bairro; (b) entendimento da casa em zonas públicas e zonas privadas; (c) a casa como um objecto de inclusão/pertença social ou de distinção identitária.

Projectos de vida (sonhos/aspirações)

O entendimento da ideia de projecto como uma capacidade humana que reflecte o desejo de produção/criação de novos modelos permite-nos, paralelamente, considerá-lo como um desejo de apropriação dos tempos vindouros. Neste sentido, procuramos reflectir sobre os projectos de vida de modo a observar (1) o modelo cultural actual; (2) os desejos de mudança (materializáveis através da capacidade de invenção/inação e produção). Neste sentido, destacam-se como elementos de referência para a compreensão dos desejos/projectos em relação à família, casa e bairro:

- Família: (a) promoção socioeducativa e profissional; (b) saúde;
- Casa: (a) conforto; (b) dimensão/organização interna; (c) melhoria das infra-estruturas; (d)

acabamentos/manutenção;

- Bairro: (a) segurança; (b) qualidade ambiental/imagem urbana (p. ex.: arranjo das fachadas dos edifícios, limpeza das ruas, etc.); (c) espaços de socialização e equipamentos.

Percepção dos processos de mudança

As mudanças mais visíveis no bairro e que são respectivamente salientadas pelos moradores, referem-se a:

- segurança (sobretudo relacionada com a droga);
- abertura do bairro ao exterior (através dos novos equipamentos que atraem população de fora, bem como novos moradores);
- funcionalidade do comércio local (tendência para a substituição de um comércio retalhista pelas actividades de restauração e similares, modernização e melhor asseio dos equipamentos comerciais já existentes; diminuição do movimento nas mercearias e lojas do bairro por motivo de instalação de supermercados na envolvente);
- requalificação (parcial) do tecido edificado do bairro (sobretudo ao nível de obras de melhoramento no interior das casas e nas fachadas de alguns edifícios) a par da aceleração do processo de degradação de algumas zonas edificadas.

Considerações

Como primeiro ponto a considerar nesta reflexão, chamamos a atenção sobre a especificidade do espaço através da noção de lugar, respectivo ao facto de que este se manifesta como expressão da experiência sociocultural. Daí a importância do entendimento dos processos de modulação inerentes à percepção e representação que se faz do espaço material e cuja expressão se dá através da: *cognição* (capacidade de interiorizar o que é visto e de exteriorizar construtivamente aquilo que já foi visto), *directção* (ao centralizar a visão de um espaço, o lugar é indicador de uma direcção e de um percurso) e *simbolização* (a cognição dá-se através de um símbolo, de modo que o acto de simbolização tem um significado que é perceptível através de um instrumento).^[5]

Se associarmos à estes processos de modulação do espaço a representatividade dos elementos retidos na memória e dos percebidos através da imagem urbana e as práticas de uso/apropriação, somos confrontados com um modelo de representação que permite uma aproximação com os critérios objectivos que são seleccionados na formação de uma identidade.^[6]

A título de exemplo, ao estabelecermos um cruzamento entre os espaços representativos, os elementos de referência à imagem e significado do bairro, as dimensões de uso/apropriação e os factores de referência à qualidade ambiental, verificou-se, em termos da Madragoa, a importância que tem para a comunidade o Chafariz da Esperança (situado no Largo da Esperança/Av. D. Carlos I). Neste sentido, apresentamos a transcrição de uma das entrevistas realizadas durante o estudo, na medida que esta reflecte a representatividade e respectiva degradação do Chafariz da Esperança:

"(...) O Chafariz da Esperança muita gente ia para aí. Sentavam-se, apanhavam fresco, bebiam a água. Hoje aqui também já não existe água, nunca mais houve coisas que podia haver e não há (...) Não vão para lá, porque aquilo já não tem condições, não tem asseio nem nada, se houvesse água, se a água corresse (...) estou convencido que havia mais gente. Ali está um individuo a dormir, não sei se já reparou (...) e depois não se aproximam de lá por causa do asseio que aquilo tem. Antigamente aquilo era asseado, ia-se lá, bebia-se água, não é?! A pessoa ia até a parte de cima do chafariz, porque o chafariz tem a parte de cima e a de baixo, a pessoa ia até a parte de cima e sentava-se ali um bocadinho a tomar um pouquinho de fresco." (morador)

Estamos cientes que existem muitos outros exemplos (a importância: dos espaços externos e semipúblicos, da agradabilidade visual e da capacidade de acolhimento, da qualidade socioambiental, dos processos de mudança endógenos, entre outros) que podem suscitar uma maior curiosidade, para além da necessidade de prossecução de estudos nesta temática.

Salientamos que, se o acto de revitalizar propõe reverter o processo de desagregação e perda dos valores socioculturais ao nível das identidades, há que considerar a importância em saber como estes valores socioculturais se legitimam e se manifestam, de modo a desenvolver estratégias e instrumentos de acção, que levem em consideração estas características.

[1] Geógrafa/Antropóloga, Bolseira de Investigação do Grupo de Ecologia Social (GES) do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC).

[2] Para Bourdin a lógica de reapropriação da cidade existente dá-se ao nível de interesses e dimensões distintas: (1) a intervenção propriamente dita, com o intuito de reverter o processo de degradação do tecido edificado; (2) os interesses subjacentes ao

mercado imobiliário, colocando-se em termos da oferta e procura — estando respectivamente a oferta relacionada com os produtos, serviços e significações sócio-culturalmente formalizados e, a procura relacionada com interesses individuais, institucionais ou sociais; (3) os actores envolvidos e; (4) a lógica urbana e espacial inerente aos contextos de intervenção (BOURDIN, Alain:1984 — **Le patrimoine réinventé**, PUF, Paris).

[3] Vide: LÉVY, P., SEGAUD, M. (1983) — **Anthropologie de L'Espace**; Centre Georges Pompidou/CCI, Paris.

[4] Exemplos: (1) espaços públicos, p. ex., ruas ou praças; (2) espaço privado, p. ex., a casa; (3) espaços semi-públicos, p. ex., referente aos espaços públicos apropriados por uma comunidade específica, como é o caso das ruas da Madragoa e dos respectivos bairros populares de Lisboa; (4) espaços semi-privados, p. ex., como é o caso da apropriação privativa de um lugar público por uma entidade colectiva ou individual.

[5] Vide: SCHULZ, Christian Norberg (1992) — **Genius Loci**; Electa, Milano.

[6] Vide: BOURDIEU, Pierre (1980) — “L'identité et la représentation: éléments pour une réflexion critique sur l'idée de région; in **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**; 35, Paris.